

Educação bilíngue de surdos: Instrumento de Avaliação da Expressão em Língua Brasileira de Sinais

Bilingual education of deaf: Instrument for Evaluating Expression in Brazilian Sign Language

Isabela Paiutto

Universidade Federal de São Carlos – São Paulo – Brasil

Cristina Broglia Feitosa de Lacerda

Universidade Federal de São Carlos – São Paulo – Brasil



Resumo: O desenvolvimento dos sujeitos surdos está diretamente ligado ao seu domínio da Língua Brasileira de Sinais, e em muitos casos é apenas na escola que a aquisição dessa língua se inicia. É essencial ao trabalho docente um conhecimento linguístico que possibilite a avaliação efetiva da expressão em Libras dos estudantes para planejamento dos caminhos educacionais a serem seguidos. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é entender as percepções de uma Professora Bilíngue da educação básica sobre um Instrumento de Avaliação da Expressão em Língua de Sinais: Libras, o NarVaL-Libras/Prod, por meio de sua avaliação sobre narrativas em Libras. Se caracteriza enquanto um estudo de caso de caráter exploratório, em que os dados foram analisados de forma qualitativa. O instrumento utilizado foi criado por pesquisadores da Universidade de Barcelona e da Universidade Federal de São Carlos e contribui com uma avaliação eficaz das narrativas em Libras, provocando uma compreensão mais ampla sobre o uso da língua na escola, no ensino dos educadores e no desenvolvimento dos estudantes. Os resultados apontam reflexões sobre o uso do instrumento no trabalho docente e seu potencial caráter formativo nos aspectos linguísticos da Libras.

Palavras-chave: Educação especial. Educação bilíngue de surdos. Instrumento de avaliação. Narrativas em Libras.

Abstract: The development of deaf people is directly linked to their mastery of Brazilian Sign Language, and in many cases, it is only at school that the acquisition of this language begins. Linguistic knowledge that enables the effective assessment of student's expression in Libras to plan the educational paths to be followed is essential to teaching work. Therefore, the objective of this research is to understand the perceptions of a Bilingual Basic Education Teacher about an Instrument for Assessment of Expression in Sign Language: Libras, the NarVaL-Libras/Prod, through her evaluation of narratives in Libras. It is characterized as an exploratory case study, in which the data was analyzed qualitatively. The instrument used was created by researchers from the University of Barcelona and the Federal University of São Carlos and contributes to an effective evaluation of narratives in Libras, provoking a broader understanding of the use of the language at school, in the teaching of educators and in the development of students. The results point to reflections on the use of the instrument in teaching work and its potential formative character in the linguistic aspects of Libras.

Keywords: Special education. Bilingual education for the deaf. Assessment instrument. Narratives in Libras.

1 Educação bilíngue de surdos e avaliação em língua de sinais

De acordo com os pressupostos da abordagem histórico-cultural o aprendizado e desenvolvimento são processos inter-relacionados desde o nascimento dos sujeitos. (Vygotsky, 1984). O desenvolvimento linguístico, ocorre por meio das trocas comunicativas sociais e interpessoais, realizadas entre a criança, seus pares e adultos mais experientes (Vygotsky, 2008). Nessa perspectiva, Montes e Santos (2021) apoiadas nos estudos de Perroni (1992) destacam a importância das interações verbais estabelecidas entre interlocutores adultos e crianças para o desenvolvimento de ações discursivas e o papel central da família para o desenvolvimento da linguagem da criança.

No caso de crianças surdas, em sua maioria filhas de pais ouvintes, pode haver atrasos linguísticos provocados pela ausência do contato da criança com uma língua acessível (a língua de sinais, por exemplo) desde o seu nascimento, já que a língua utilizada por seus familiares é a língua oral auditiva (Montes & Santos, 2021). Em alguns casos, somente quando a criança surda entra em contato com outros surdos e sujeitos fluentes em língua de sinais no ambiente escolar, que seu desenvolvimento linguístico e narrativo começa a acontecer (Pereira & Nakasato, 2004).

Atualmente no Brasil, de acordo com a política nacional vigente, a educação de surdos se orienta em uma perspectiva inclusiva e nos princípios da educação bilíngue (Brasil, 2002) amparada pelo Decreto n. 5.626 de 2005 e pela Lei 14.191 de 2021 que entre outras coisas, institui o ensino aos surdos na língua de sinais em escolas ou salas próprias de surdos, exigindo a presença de professores bilíngues e intérpretes, assim como a formação dos diversos profissionais implicados nessa escolarização (Brasil, 2005; 2021).

Alguns estudos demonstram a importância da educação bilíngue de surdos, de preferência desde a primeira infância, para o desenvolvimento dos sujeitos em toda sua potencialidade. Lacerda, *et al.* (2020)

defendem que os surdos devem desenvolver a língua de sinais como primeira língua, preferencialmente por meio das trocas dialógicas e relações sociais com surdos adultos também usuários da língua, tendo em vista que é a língua de sinais aquela capaz de propiciar a constituição dos surdos como sujeitos, considerando sua dificuldade de acesso à cultura majoritária por meio da língua oral – auditiva (Lacerda *et al.*, 2020). E ainda, considera-se que é na e pelas interações e trocas interpessoais que o processo de desenvolvimento da linguagem acontece (Vygotsky, 1984).

No Decreto n. 5.626 (Brasil, 2005) observam-se duas referências ao modo como a avaliação deve ser realizada no contexto da educação bilíngue, por meio da i) “adoção de mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de segunda língua, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e reconhecendo a singularidade linguística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa” (Artigo 14, §1º, Inciso VI) e ii) “desenvolvimento e adoção de mecanismos alternativos para a avaliação de conhecimentos expressos em Libras, desde que devidamente registrados em vídeo ou em outros meios eletrônicos e tecnológicos” (Artigo 14, §1º, Inciso VII).

Nota-se que é sugerido que as avaliações dos conhecimentos, muitas vezes adquiridos e discutidos pelos alunos com seus professores em Libras, sejam realizadas na segunda língua, ou seja, no português. Sobre isso “qual o sentido de identificar se o aluno realmente compreendeu o texto em Libras avaliando-o em outra língua senão a dele?” (Lacerda & Moraes, 2020, p. 4), de certo a avaliação não será fiel à real compreensão do sujeito devido às diferenças estruturais entre as línguas.

No cotidiano dos educadores, a avaliação possui papel fundamental de esclarecimento e descoberta dos processos de aquisição da Libras e as dimensões que a constroem e são empregadas pelo seu usuário em favor de sua comunicação e desenvolvimento.

Nesse sentido, não é possível pensar que a avaliação se dirige somente aos estudantes, quando ela também se refere aos professores, que são parte

constituente do processo educativo e avaliativo. E no caso de alunos surdos, que possuem uma experiência educacional visual é fundamental que a avaliação ofereça estratégias, métodos, recursos e práticas que contemplem sua língua de sinais. (Lunardi-Lazzarin & Camillo, 2008).

A avaliação realizada por meio de observações das habilidades comunicativas é um aspecto importante a ser considerado na avaliação de linguagem de crianças surdas (Lichtig, *et al.*, 2008), e o uso de um instrumento de avaliação para estas crianças, que direcione o docente ao reconhecimento e compreensão de suas reais habilidades comunicativas, poderia auxiliar no desenvolvimento de linguagem dos sujeitos.

Resende (2015) se debruçou nos estudos de Lunardi-Lazzarin e Camillo (2013) para defender que processos de avaliação na educação de surdos devem se fundamentar nas diferenças linguísticas e culturais das comunidades surdas e não mais em referenciais ouvintes ou em simples adaptações realizadas nos modelos utilizados e preparados para a avaliação de alunos ouvintes.

Evidenciar a Libras como instrumento de avaliação é imprescindível para os alunos surdos, pois é esta a primeira língua deles, e é ela que servirá de base para a aquisição dos demais conceitos escolares.

2 Instrumento de Avaliação da Narrativa em Línguas de Sinais

Apesar da importância da avaliação em Libras para estudantes surdos, poucos estudos foram encontrados na literatura brasileira que abordassem instrumentos e/ou protocolos de avaliação direcionados exclusivamente para sujeitos surdos usuários da Libras. Avaliações específicas para averiguar a aquisição e o desenvolvimento da Libras são necessárias no Brasil (Barbosa & Lichtig, 2014).

Quadros e Cruz (2011) propuseram o instrumento de Avaliação de Língua de Sinais (IALS), que pretendeu fundamentalmente avaliar o processo de aquisição da linguagem compreensiva em Libras,

por meio de uma avaliação do tipo somática, e da linguagem expressiva também em Libras, pela avaliação do tipo formativa. No instrumento proposto os participantes surdos, com “aquisição precoce e tardia” (Quadros & Cruz, 2011, p. 14) da linguagem, foram convidados a realizar uma série de tarefas com imagens, selecionando uma resposta entre as opções apresentadas, bem como foram convidados a narrar o recorte de um desenho animado para avaliação da linguagem compreensiva. Em seus resultados, as autoras consideraram que o instrumento é adequado para avaliar crianças até 9 anos que tenham adquirido a Libras até os 4 anos e 6 meses, sugerindo que para avaliação de crianças com mais de 9 anos outros instrumentos sejam aplicados, defendendo que “outras avaliações em aspectos específicos da linguagem poderão ser necessárias para esses participantes” (Quadros & Cruz, 2011, p. 154).

Também, no Brasil, encontra-se a contribuição de Pereira e Nakasato (2004) que objetivaram estudar os recursos linguísticos empregados em narrativas em Libras de duas crianças surdas, filhas de pais ouvintes com idades entre 8 e 10 anos. As crianças leram uma história infantil composta por imagens e após o término contaram a história em Libras. Para a análise de dados os autores se atentaram apenas ao início da narrativa e não a analisaram por meio de um instrumento específico, resultando em dados incipientes sobre o processo de aquisição da Libras e os recursos linguísticos empregados para a narrativa.

Montes (2023), apresenta um conjunto de pesquisas internacionais que se debruçaram em desenvolver uma avaliação padronizada para o desenvolvimento narrativo em Libras. A maioria das pesquisas encontradas pela autora foram realizadas com crianças e/ou adultos, usuários da Língua Britânica de Sinais (BSL), Língua Americana de Sinais (ASL) ou Língua de Sinais Catalã (LSC). Entre os resultados encontrados destacou-se o Teste de Produção de BSL (Herman, *et al.*, 2004), as pesquisas com foco na produção narrativa comparada entre crianças surdas nativas, não nativas e crianças ouvintes de Marshall *et al.* (2015) e os estudos de análise comparada de Bel, Ortells e Morgan (2015)

com adultos surdos, sinalizantes nativos, e adultos ouvintes sobre a Língua de Sinais Catalã (LSC) sobre forma como os sujeitos empregavam os aspectos de introdução e recuperação da referência em suas narrativas.

O estudo de Morgan (2002) investigou as narrativas de crianças surdas em BSL, se debruçando no aspecto da simultaneidade em narrativas, e as tendências discursivas realizadas no discurso de crianças fluentes na língua entre três e 13 anos, por meio de uma história apresentada apenas por imagens, "Frog, where are you?" (Mayer, 1969) que também foi utilizada nessa pesquisa e será apresentada adiante.

Assim, em 2018, diante da necessidade de descrever e reunir com aprofundamento as características e especificidades dos processos de desenvolvimento e aquisição da língua de sinais por sujeitos surdos e pela lacuna de instrumentos com essa proposta tanto para Libras como para a LSC, pesquisadores da Universidade de Barcelona em parceria com pesquisadores da Universidade Federal de São Carlos, construíram e aplicaram um instrumento de avaliação de narrativas em línguas de sinais, denominado *Valoración de Narrativas en Lengua de Signos – Lengua de Signos Catalana/Producción (NarVaL-LSC/Prod)* (Jarque *et al.*, 2018).

O NarVaL-LSC/Prod foi traduzido para uso com a Libras, em seus aspectos gramaticais e linguísticos, sendo denominado NarVaL-Libras/Prod (Lacerda, 2020). Desde então, estudos sobre a viabilidade, aplicação e padronização deste

instrumento estão se desenvolvendo no país. Montes e Santos (2021) utilizaram esse instrumento para um estudo investigativo de narrativas de adultos surdos e Montes (2023) escreveu e ilustrou todos os descritores do instrumento, propondo uma versão ilustrada para uso no ambiente escolar.

O NarVaL-LSC/Prod. e o NarVaL – Libras/Prod., foram desenvolvidos em forma de rubrica. As rubricas são documentos que articulam as expectativas para uma tarefa ou um conjunto de tarefas, listando os critérios de avaliação e descrevendo os níveis de qualidade em relação a cada um desses critérios (Reddy & Andrade, 2010). Os defensores do uso de rubricas para avaliação formativa assumem que as rubricas podem promover a aprendizagem dos alunos, bem como levar a mudanças positivas na instrução.

As rubricas foram organizadas em seis dimensões que incluem nove níveis de avaliação e 24 indicadores do desenvolvimento da Libras. A cada indicador pode ser atribuída uma pontuação de zero a três, a depender de seus descritores (d0; d1; d2 e d3), podendo dessa forma totalizar o máximo de 72 pontos. As dimensões incluem aspectos gramaticais e linguísticos constituintes das línguas de sinais. Os níveis de avaliação consideram a capacidade do sujeito de compor uma história com coerência, bem como selecionar e organizar a informação e os descritores indicam o nível do desenvolvimento da língua. No Quadro 01 estão listadas as estruturas linguísticas e gramaticais das narrativas sinalizadas que são indicadas nos instrumentos.

Quadro 01: Organização do NarVaL-Libras/Prod.

Dimensão	Nível	Indicador
Estrutura textual	Capacidade de narrar de forma interativa levando em conta o interlocutor	Referências metalinguísticas
		Interpelação
		Construções informativas
	Capacidade de compor uma história com coerência: selecionar e organizar a informação	Enredo e episódios
		Informação proporcionada
		Sentido e conclusão da história
	Capacidade de formulação de	Expressão de emoções

	estados mentais e perspectiva	Expressão epistêmica
		Descrição das situações a partir de três perspectivas
	Capacidade de dominar estratégias de conexão que contribuem para a coesão textual	Marcadores e conectivos metatextuais
		Expressões temporais
Fluxo da informação e estrutura da sentença	Capacidade de estruturar a informação	Introdução e recuperação da referência
		Estrutura básica da sentença
		Estruturas negativas
Vocabulário	Capacidade de expressão precisa e variada utilizando o vocabulário comum	Construções sintáticas subordinadas
		Vocabulário
Predicados verbais	Capacidade de referir-se a situações (ações, estados e processos)	Verbos
		Construções com classificadores
		Aspecto gramatical
Gestualidade	Capacidade de usar elementos não verbais e transmitir emoções	Posição do corpo, gestos e olhar
		Dimensões do espaço
Articulação e prosódia	Capacidade de produção em função da expressão clara do conteúdo	Entonação
		Produção dos articuladores
		Articulação dos parâmetros formadores do sinal

Fonte: Adaptado de Montes (2023).

Os instrumentos oferecem indicativos quantitativos a partir da soma das pontuações de cada descritor atribuídas ao avaliado e qualitativos, visto que os descritores possuem, uma descrição do nível de desenvolvimento da língua a que se refere aquela pontuação. Em ambas as línguas, o NarVaL/Prod. têm sido utilizados em avaliações de narrativas de estudantes entre os 6 e 14 anos de idade (Jarque, et al. 2018; Lacerda, 2020).

De acordo com Morgan (2002; 2005) e Morgan e Woll (2003), em todas as línguas orais e sinalizadas, a capacidade de dominar os diferentes aspectos narrativos pode ocorrer ao longo dos 11 a 13 anos de idade. Para os autores, os classificadores, por exemplo, começam a ser usados dentro das sentenças por volta dos 4 aos 6 anos. Outro aspecto, como a capacidade de marcar referências em histórias, se desenvolve significativamente entre os 7 e 10 anos. Ainda, é sempre necessário considerar a idade em que a aquisição da língua de sinais começa

a ocorrer e as especificidades do desenvolvimento de cada sujeito.

Para avaliar o desempenho de surdos a partir do NarVaL-LSC/Prod., Jarque *et al.* (2018) coletaram narrativas em língua de sinais de crianças surdas do ensino fundamental (entre 6 e 14 anos). As narrativas dizem respeito ao livro “*Frog, where are you?*” (Mayer, 2003) [versão em espanhol “*¿Rana, dónde estás?*” (Mayer, 2009)].

Esse livro de imagens também foi utilizado nos estudos sobre narrativas de crianças surdas na Língua Britânica de Sinais (BSL) por Morgan (2002). Montes (2023) apoiada nos estudos de Splengler (2010) destaca que a leitura de imagens é vista como um ponto de partida para o processo de construção e reflexão do conhecimento. O livro ilustrado e sem texto escrito, não pode ser visto como sendo exclusivo para crianças que ainda não dominam a leitura escrita, considerando que o livro de imagem é uma ferramenta que possibilita uma infinidade de leituras, de acordo

com as referências culturais, sociais e emocionais dos sujeitos que o leem.

Para a gravação das narrativas os estudantes do ensino fundamental tiveram a oportunidade de ler visualmente a história do livro e após terminarem a leitura foram convidados a contar a história em língua de sinais para um adulto surdo bilíngue que supostamente não tinha conhecimento sobre a história. As narrativas dos sujeitos foram gravadas para posterior análise e avaliação por meio do NarVaL-LSC/Prod.

Apesar do instrumento ser capaz de encaminhar uma análise detalhada das narrativas de surdos, considerou-se que sua complexidade, no que tange aos conceitos da área da linguística, poderia ser um fator dificultador de seu uso por professores bilíngues que comumente são usuários da Libras como segunda língua, mas que podem não possuir formação aprofundada nessa área da linguística, especificamente. Assim, Montes e Lacerda (2023) propõem nova versão do instrumento, com uma proposta de ilustração por meio de vídeos, que pudesse contribuir com o trabalho docente de educadores bilíngues.

Montes e Lacerda (2023) coletaram narrativas em Libras de 10 adultos surdos com diferentes níveis de proficiência, ou seja, que adquiriram a Libras como L1 em diferentes idades e contextos, que podem ou não terem nascidos surdos, com idades entre 25 e 50 anos, seguindo o mesmo modelo e materiais de coleta já exposto e proposto por Jarque *et al.* (2018). A partir destas narrativas, exemplos reais e usados pelos surdos, relativos aos parâmetros e conceitos contidos em cada descritor e seus respectivos indicadores no NarVaL-Libras/Prod, foram identificados. As autoras apontam que o instrumento é capaz de auxiliar educadores e especialistas da área a conhecer a estrutura e características das narrativas eliciadas por seus alunos surdos de forma individual, assim como descrever e pontuar os elementos formais identificados no instrumento (Montes & Lacerda, 2023). Todavia, o estudo apresentado por Montes e Lacerda não pôde ser aplicado com professores

bilíngues em função do período de isolamento imposto pela pandemia de COVID-19.

3 Percorso metodológico da pesquisa

Diante do exposto, a presente pesquisa tem como objetivo entender as percepções de uma Professora Bilíngue da Educação Básica sobre o NarVaL-Libras/Prod. em suas versões com e sem ilustração. Mais especificamente, buscou compreender as contribuições do instrumento ilustrado para o trabalho docente no ambiente escolar e investigar potencialidades e melhorias sobre o uso do instrumento ilustrado em sua capacidade avaliativa.

Essa pesquisa se caracteriza enquanto um estudo de caso de caráter exploratório, por meio do uso do NarVaL-Libras/Prod ilustrado (Montes e Lacerda, 2023) e as hipóteses sobre seu funcionamento em sala de aula com uso por uma professora bilíngue. Os dados foram analisados de forma qualitativa, a partir dos descritores do NarVaL-Libras/Prod.

Participou dessa pesquisa uma professora ouvinte com idade entre 25 e 35 anos, proficiente em Libras, licenciada e mestre em Educação Especial. Ela atua como Professora Bilíngue com estudantes surdos no Ensino Fundamental (anos iniciais – 1° ao 5° ano) em uma escola da rede pública municipal. Durante esse trabalho a participante será nomeada como PB. Os encontros para coleta de dados com a participante aconteceram pela internet de maneira síncrona, semanalmente, por meio de plataformas de vídeo chamadas, visando facilitar a participação de PB. As chamadas foram gravadas e transcritas posteriormente para a análise dos dados.

Para o presente estudo, foram eleitas duas das narrativas de adultos surdos coletadas por Montes e Lacerda (2023). As narrativas (N1 e N2) foram consideradas como narrativas ricas o suficiente para provocar questionamentos e discussões sobre suas potencialidades (d2 no NarVaL-Libras/Prod.), mas ainda com possibilidades de melhorias.

Além disso, um recorte do NarVaL-Libras/Prod em suas versões com e sem ilustrações foi utilizado.

Para o estudo, foram eleitos sete dos 24 indicadores presentes em todas as seis dimensões da rubrica, apresentados no Quadro 02. Para este artigo, serão

focalizadas as colaborações de PB sobre o indicador “estruturas negativas” que será apresentado adiante.

Quadro 02: Indicadores selecionados do NarVaL-Libras/Prod

Dimensão	Nível	Indicador	Descritores			
			0	1	2	3
Estrutura textual	Capacidade de compor uma história com coerência: selecionar e organizar a informação.	Enredo e episódios: Clareza na introdução, desenvolvimento e conclusão.	Expõe episódios desconectados e alguns deles confusos. Não há um enredo ou este não faz correspondência com a história.	A história apresenta episódios claros, mas desconectados entre si. Falta um enredo claro.	Narra uma história com enredo, mas em alguma ocasião não apresenta clareza.	Narra uma história com o enredo exposto de forma clara.
		Sentido e conclusão da história: Descrição e explicação da sequência final em relação a história completa.	A história é interrompida (sem final) ou com o final confuso.	Descreve a sequência final, mas sem dar um sentido conclusivo (parece que a história não acabou).	Apresenta um final único da história sem dúvidas, não manifestando outro final possível.	Se refere à ambiguidade do final da história e/ou indica interpretações possíveis.
Fluxo da informação e estrutura da sentença	Capacidade de estruturar a informação.	Estruturas negativas: Sinais manuais e elementos não manuais.	Expressa a negação com formas básicas, mas não combina o componente manual e não-manual.	Recorre a estruturas negativas básicas e/ou nem sempre combina o componente manual e não-manual de forma precisa.	Recorre a estruturas negativas e as produz de forma precisa o componente manual e não-manual.	Recorre a estruturas negativas variadas e produzindo de forma precisa o componente manual e não-manual.
Vocabulário	Capacidade de expressão precisa e variada utilizando o	Vocabulário: vocabulário comum e próprio da história.	Se observa uma predominância da expressão gestual e da ação construída sem vocabulário ou com muitos erros.	Utiliza o vocabulário comum com pouca variação ou com algum erro, ou com pouca fluidez (repetições ou dificuldades na evocação).	O vocabulário comum é adequado ao contexto.	Faz uso do vocabulário de maneira precisa e com variação nas categorias.

Predicados verbais	Capacidade de referir-se a situações (ações, estados e processos).	Construções com classificadores: Verbos de localização e movimento, verbos predicativo /descritivo etc.	Se expressa gestualmente, faz uso limitado ou impreciso de construções com classificadores, ou comete muitos erros.	Recorre a construções com classificadores, mas comete alguns erros ou imprecisões.	Faz uso de construções com classificadores de forma adequada.	Faz uso de construções com classificadores de maneira precisa e criativa.
Gestualidade	Capacidade de usar elementos não verbais e transmitir emoções.	Posição do corpo, gestos e olhar: Direção do olhar, posição e orientação do corpo no espaço, gestos manuais não linguísticos, expressão corporal e facial não linguístico etc.	Produzem indicadores de desconforto, nervosismo, insegurança etc. Como um deslocamento, salto, balanço, um olhar disperso ou não dirigido ao interlocutor. Observam comportamentos que funcionam como muletas, tiques etc., como arranhões, tocar o próprio cabelo.	Adotam posições e fazem movimentos indicadores de desconforto, nervosismo, insegurança etc. Mas é feito uso de estratégias para veiculá-los. Observam comportamentos que funcionam como muletas, tiques etc.	Em geral, não são exibidas posições nem são produzidos movimentos indicadores de desconforto, nervosismo, insegurança etc., e/ou uso oportuno de estratégias para veiculá-los. Em geral, não observam comportamentos que funcionam como uma muleta, tiques etc.	Sua posição corporal transmite segurança. Não adota posições nem são produzidos movimentos indicadores de desconforto, nervosismo, insegurança etc. Não são observados comportamentos que funcionam como muleta, tiques etc.
Articulação e prosódia	Capacidade de produção em função da expressão clara do conteúdo.	Articulação dos parâmetros formadores do sinal: Configuração da mão, orientação da mão, lugar de articulação, movimento e expressão facial.	Comete muitos erros na produção dos valores dos parâmetros e/ou de forma sistemática os simplifica, substituindo por aqueles mais básicos.	Comete ocasionalmente erros na produção dos valores dos parâmetros e/ou simplifica, substituindo por mais básicos.	Em geral, a produção dos valores dos parâmetros de formação é correta.	A produção dos valores dos parâmetros de formação é correta e precisa.

Fonte: Adaptado de Montes (2023).

Um dos aspectos que o instrumento pode meio das estruturas negativas, entre outros aferir, é a capacidade de estruturar informação, por indicadores. De acordo com Bembridge (2016), a

negação em línguas de sinais pode ser marcada manualmente com a produção de sinais explicitamente negativos ou de forma não manual, quando o sinalizante utiliza qualquer parte do corpo que não sejam as mãos, ou seja, movimento de cabeça e tronco, expressões faciais, franzir das sobrancelhas, entre outros, para expressar negação.

Jarque e Pascual (2021) afirmam que assim como a entonação nas línguas orais auditivas, a

marcação não manual em muitas línguas de sinais, é utilizada para distinguir o tipo das orações, ou seja, diferenciar sentenças afirmativas, informativas, negativas ou interrogativas, por exemplo. Montes (2023), por meio das análises de narrativas de adultos surdos, corrobora afirmando que este uso das expressões não manuais também pode ser observado na Libras. Na Figura 01 está apresentado o indicador “estruturas negativas” no NarVaL-Libras/Prod.

Figura 01 Indicador “Estruturas negativas” no NarVaL-Libras/Prod

Dimensão		Indicador	Nível			
Fluxo da informação e estrutura da sentença			0	1	2	3
Capacidade de estruturar a informação.		Estruturas negativas: Sinais manuais e elementos não manuais.	Expressa a negação com formas básicas, mas não combina o componente manual e não-manual.	Recorre a estruturas negativas básicas e/ou nem sempre combina o componente manual e não-manual de forma precisa.	Recorre a estruturas negativas e as produz de forma precisa o componente manual e não-manual.	Recorre a estruturas negativas variadas e produzindo de forma precisa o componente manual e não-manual.

Fonte: Adaptado de Montes (2023).

Os descritores do NarVaL-Libras/Prod. são sensíveis para avaliar as estruturas negativas desde suas formas mais básicas até construções mais elaboradas. Montes (2023) identificou exemplos para o descritor 0 e 1 em que os surdos utilizavam apenas uma das formas possíveis para produzir as estruturas negativas, não utilizando o componente manual e não manual simultaneamente, produzindo uma sentença na qual o emissor sinalizante não comunica claramente para o receptor se trata-se de uma negativa, ou uma afirmativa, ou outra. Já, no descritor dois, espera-se que o sinalizante produza as estruturas negativas de forma precisa, utilizando os componentes manual e não manual de forma combinada e emitindo clareza em sua narrativa. No descritor três, há o adicional de que o sinalizante recorre a estruturas negativas variadas e em alguns casos inesperadas, que mantem interlocutor

interessado na narrativa e podem ser construídas com o auxílio de outros aspectos para ajudar na clareza da emissão da entonação, por exemplo, uma sinalização mais lenta que se estende no tempo (Montes, 2023).

Voltando ao método da pesquisa, a coleta de dados ocorreu em quatro encontros síncronos, semanalmente, conforme disponibilidade da participante. O encontro 1 foi destinado para a avaliação da N1 sem uso de instrumentos, por meio de questões disparadoras. Os encontros 2 e 3 contaram com a avaliação da PB por meio dos sete indicadores selecionados do NarVal – Libras/Prod. e no encontro 4 a avaliação aconteceu por meio do NarVaL-Libras/Prod. ilustrado, também com os sete indicadores selecionados. Essa sequência de encontros foi assim organizada, objetivando investigar qual a contribuição dos diferentes instrumentos na avaliação da professora e quais diferenças poderiam

ser observadas entre a avaliação sem instrumento, com o instrumento e com o instrumento ilustrado.

Durante o encontro 1, a PB realizou a leitura do Livro “Frog, where are you?” duas vezes, assistiu N1 realizando a narrativa em Libras duas vezes e expressou sua avaliação acerca da narrativa mediada por questões disparadoras, apresentadas no Quadro

03, proporcionadas pelas pesquisadoras, por meio de diálogo. As questões disparadoras objetivaram guiar quais aspectos da narrativa deveriam ser percebidos pela PB durante o encontro e foram relacionadas com os indicadores que seriam avaliados nos próximos encontros, por meio do NarVaL – Libras/Prod.

Quadro 03: Questões disparadoras do encontro 1

Indicador do NarVaL – Libras/Prod.	Questão disparadora
Enredo e episódios	Considerando que o gênero narrativo possui introdução, desenvolvimento e conclusão? Indique essas partes no vídeo.
Sentido e conclusão da história	Como você entendeu a conclusão da história no livro? A forma como ela narrou o fim da história, de acordo com sua percepção, está adequada?
Estruturas negativas	Como a narradora expressa negação em sua narrativa?
Vocabulário	Em relação ao vocabulário que a narradora usa, quais comentários você tem? É adequado?
Construções com classificadores	Comente sobre o uso de classificadores na narrativa.
Posição do corpo, gestos e olhar	O que você tem para comentar sobre a posição do corpo, gestos e olhar da narradora durante a narrativa?
Articulação dos parâmetros formadores do sinal	Você acredita que a narradora expressa claramente o conteúdo da história? Quais recursos ela utiliza para isso?

No encontro 2, a narrativa em vídeo de N1 foi apresentada para PB e avaliada por ela com o uso do NarVaL-Libras/Prod. No encontro 3, a mesma dinâmica foi adotada com a narrativa N2. Nesses encontros a PB pôde retomar o livro com as imagens quantas vezes julgasse necessárias e assistir às narrativas duas vezes, inicialmente, retomando os vídeos durante a avaliação com o instrumento quando precisasse.

O encontro 4 foi destinado para avaliação da N2 com uso do NarVaL-Libras/Prod. ilustrado (Montes, 2023) que foi enviado antecipadamente para PB com a intenção de que ela tivesse um período mais longo para realizar sua leitura, se aproximar dos conceitos e visualizar os exemplos em vídeos. A PB assistiu N2 novamente e realizou a avaliação utilizando os códigos QR e textos escritos do instrumento ilustrado para

suas reflexões. A Figura 02 apresenta um exemplo da forma como o NarVaL-Libras/Prod. ilustrado foi apresentado para a PB, na Figura está representado o descritor 1 do indicador ‘estruturas negativas’. Para cada descritor (d0; d1; d2 e d3) de cada um dos sete indicadores foi apresentado um ou mais exemplos em vídeo que poderia ser visto por meio da leitura do código QR pela câmera do celular, assim como, uma descrição em texto.

Figura 02: Exemplo de indicador do NarVaL-Libras/Prod. ilustrado

Estruturas negativas

Descritor 1



Vídeo B - 1.2 [descritor 1a]



Vídeo B - 1.2 [descritor 1b]

- Os vídeos (B - 1.2 [descritor 1a] e [descritor 1b]) destacam o uso de diferentes estruturas negativas, sendo que no primeiro o sinalizante utiliza em dois momentos distintos da história o sinal de NÃO SABER mas **sem marcação não-manual e sem nenhum movimento da cabeça indicando uma negação**, que poderia ser esperado para este contexto e para o uso destas estruturas negativas básicas. No segundo vídeo, sinaliza NÃO VER também em dois momentos, mas **sem o componente não-manual**. Também não há um ligeiro fechamento dos olhos, uma expressão possivelmente esperada para este sinal de negação.

Fonte: Adaptado a partir de Montes (2023).

Ao finalizar o quarto encontro, as pesquisadoras apresentaram questões sobre a experiência da PB com o uso das duas versões do instrumento (NarVaL-Libras/Prod. e NarVaL-Libras/Prod. ilustrado, com o objetivo de entender qual a viabilidade, de acordo com a participante, de uso do instrumento em seu trabalho docente e cotidiano escolar com estudantes surdos.

4 Resultados do estudo

Os dados estão agrupados de acordo com as categorias de análise: Avaliação e considerações da PB sobre N1, avaliação e considerações da PB sobre N2 e percepções e comentários da PB sobre o NarVaL-Libras/Prod. O Quadro 04 apresenta a avaliação da PB sobre N1 por meio das questões disparadoras (Encontro 1) e por meio NarVaL – Libras/Prod. (encontro 2).

Quadro 04: Avaliação da PB sobre N1

Indicadores	Encontro 1	Encontro 2
Enredo e episódios	Narrativa adequada à história.	d3
Sentido e conclusão da história	Não apresenta a ambiguidade do final da história.	d2
Estruturas negativas	Adequada e condizente com a história. Se refere à expressão de emoção como estrutura negativa.	d3
Vocabulário	Dois sinais executados com erro. Marca os animais como homem e mulher ao invés de macho e fêmea.	d2
Construções com classificadores	Os classificadores poderiam ser mais bem explorados.	d2
Posição do corpo, gestos e olhar	Expressões faciais e posicionamentos do corpo adequados. Necessidade de melhor uso do espaço.	d2
Articulação dos parâmetros formadores do sinal	Sinais executados com erros.	d2

Em sua avaliação no encontro 1, por meio das questões disparadoras, a PB considerou que N1 expressou claramente o conteúdo da história em Libras, entretanto evidencia que algumas partes da narrativa não estão totalmente adequadas e poderiam ser mais bem exploradas pela narradora surda. PB não registra em sua avaliação nesse momento, quais parâmetros e aspectos poderiam ser melhor desenvolvidos e explorados pela sinalizante surda na narrativa.

Para exemplificar, em sua avaliação sobre o indicador posição do corpo, gestos e olhar PB ressalta que sentiu necessidade de um melhor uso do espaço quando a narradora marca os personagens secundários que vão aparecendo ao longo da história, não apresentando, entretanto, argumentos que expliquem essa necessidade na produção da narrativa sinalizada.

Sobre o indicador estruturas negativas, no qual essa pesquisa se aprofundou mais, PB considerou no encontro 1 que N1 está adequada e condizente com a história. Destacando apenas uma das cenas do livro (*Frog, Where are you?*), aquela em que o cachorro cai da janela e o pote de vidro quebra. Ela comenta que ao pegar o cachorro que acabou de cair, o menino faz uma expressão de bravo e a narradora não reproduz essa expressão em sua narrativa. Nota-se, no entanto, que essa parte da narrativa se refere à expressão de emoções de um dos personagens (o menino que estava bravo com o cachorro), portanto PB pouco aprofunda a análise do uso de estruturas negativas em Libras e as relaciona com uma atitude errada de um personagem (cachorro)

que provocou uma emoção negativa em outro (menino). Pode-se inferir que as estruturas negativas não estivessem tão claras para PB e apenas a análise e avaliação de uma narrativa, por meio de questões disparadoras e sem o uso de um instrumento de avaliação não parece ter colaborado para aclarar este aspecto.

Já no encontro 2, PB atribuiu para N1 o d3, considerando que o vídeo não deixa dúvidas que a sinalizante recorre a estruturas negativas variadas, utilizando dessa forma o componente manual e não manual em sua narrativa. No entanto, Montes (2023) considera que N1 se encaixa no d2, justamente pelo uso de estruturas negativas simples (uso de “não querer”, “não conseguir”, “não saber” e “encontrar-não”), quando para o d3 se esperariam usos de estruturas complexas. É possível notar que o uso de estruturas negativas simples e variadas na narrativa em Libras não parece ser claro para a professora mesmo após uma primeira avaliação e contato inicial com o NarVal-Libras/Prod.

O desconhecimento da PB sobre as diferenças entre os descritores desse indicador pode se dar por sua formação não abranger aspectos linguísticos da língua. Esta é uma das razões para Montes (2023) considerar em seu trabalho que há a necessidade de exemplos para que os professores acessem também de forma visual certos conceitos linguísticos sobre a Libras.

O Quadro 05 apresenta a avaliação da PB sobre N2 por meio do NarVal-Libras/Prod. (encontro 3) e por meio do NarVal-Libras/Prod. ilustrado (encontro 4).

Quadro 05: Avaliação da PB sobre N2

Indicadores	Encontro 3	Encontro 4
Enredo e episódios	d2	d1
Sentido e conclusão da história	d2	d0
Estruturas negativas	d2	d0
Vocabulário	d2	d1
Construções com classificadores	d2	d2
Posição do corpo, gestos e olhar	d2	d2
Articulação dos parâmetros formadores do sinal	d2	d2
Pontuação total	14	8

No Quadro 05 observa-se que os descritores atribuídos pela PB para N2 nos dois encontros, permaneceram os mesmos apenas em três indicadores, tendo os outros quatro indicadores sofrido alteração nos descritores.

No encontro 3 para a avaliação do indicador estruturas negativas, a PB exemplifica sua escolha por meio de dois episódios que chamaram sua atenção para esse indicador na narrativa

“[...] ela marca uma expressão quando ela nega, mas por exemplo quando o menino fica bravo com o cachorro, é muito rápido, acho que nem fica tão marcante na história dela. Mas no momento que o menino não viu que era um cervo, ela não nega só com o sinal ou só com a expressão, ela faz os dois, por isso acho que é o 2.” (Comentário da PB).

Nota-se dessa forma, que a PB pareceu considerar que a narradora nem sempre combina o componente manual e não-manual de forma precisa, considerando a rapidez no episódio exemplificado por ela e indicando que sua avaliação está se refinando ao longo dos encontros da pesquisa, assim como o conceito sobre estruturas negativas vai se aclarando conforme a PB se debruça sobre o instrumento para realizar suas avaliações. Dessa forma, considerou que a narrativa se encaixa melhor no d2 ainda com algumas dúvidas.

Já no encontro 4, fazendo uso do instrumento ilustrado, é interessante notar que a análise da PB sobre a narrativa se concentra na mesma parte da história que é apresentado nos exemplos do NarVal-Libras/Prod. ilustrado: momento inicial da história em que o menino e o cachorro percebem que o sapo sumiu de dentro do pote de vidro e não está no quarto. Dessa forma, a PB assiste esse trecho da narrativa de N2 e percebe que a narradora surda apenas sinaliza que o sapo sumiu, sem dar outros detalhes sobre como o menino e o cachorro perceberam que o sapo sumiu. Considera então que N2 expressa negação com formas básicas, mas não combina os componentes manual e não manual.

Durante esse momento da avaliação é perceptível que a PB começa perceber com mais

detalhes como se dá o uso de estruturas negativas na Libras e faz uma avaliação mais refinada, direcionando seu olhar para outros trechos da narrativa além do momento em que o menino fica bravo. Montes e Lacerda (2023) corroboram afirmando que a complexidade do instrumento faz o profissional olhar para os detalhes que mais frequentemente passariam despercebidos se não houvesse um instrumento indicando a possível presença e o uso de alguns indicadores.

No encontro 4, PB também compartilhou suas impressões sobre sua experiência no que se refere a avaliação e autoavaliação com o uso do instrumento. Assim, ela avaliou sua participação de forma positiva, encarando a pesquisa e avaliação com o instrumento enquanto uma “oportunidade de formação”, defendendo que o contato com NarVal-Libras/Prod refinou seu olhar como profissional e a fez pensar nas narrativas de seus alunos e em suas práticas em sala de aula.

Ainda, destaca que o instrumento abrange partes do que pode ser explorado dentro da Libras afirmando que por mais que os professores bilíngues tenham a formação para o entendimento da língua, sempre há diferentes possibilidades para entender o desenvolvimento da língua e vários aspectos nos quais ela pode ser aprimorada.

Sobre a possibilidade de uso do instrumento em sala de aula, destaca a necessidade de estudar o instrumento antes de usá-lo para a avaliação com seus alunos, demandando dessa forma uma dedicação de atenção e tempo ao instrumento. Bem como, reflete sobre a praticidade e alto nível de conhecimento que o instrumento pode promover, principalmente com o seu uso contínuo. Complementa afirmando que considera pouco detalhadas as avaliações realizadas por ela sobre a narrativa de seus alunos antes da participação neste estudo.

5 Considerações finais

O objetivo geral deste estudo foi entender as percepções de uma professora bilíngue da educação básica sobre um Instrumento de Avaliação da

Expressão em Língua de Sinais: Libras (NarVaL-Libras/Prod.)

Por meio das análises realizadas, foi possível compreender que o instrumento se mostra promissor para uso no trabalho docente no contexto da educação de surdos, tendo ainda em sua versão ilustrada, um potencial caráter formativo auxiliando o profissional na compreensão dos aspectos linguísticos da Libras.

O caráter formativo do instrumento fica evidente quando se entende a função mediadora que a visualização dos exemplos em vídeos no instrumento ilustrado parcial carrega. Os resultados mostram que a professora no encontro 1 não possuía clareza sobre a diferença entre as estruturas negativas simples e as estruturas negativas variadas na Libras e durante o encontro 4 já estava se apropriando melhor desse conceito, se mostrando mais segura em sua avaliação e chegando em pontuações mais próximas do esperado.

Ainda, o instrumento pode ser uma oportunidade para que os professores percebam melhor como podem utilizar os parâmetros da língua e desenvolvê-los com seus alunos, alcançando desde o ensino básico das crianças surdas até o desenvolvimento de narradores fluentes.

Considerando que em muitos casos as pessoas surdas possuem acesso à Libras apenas na escola e conseqüente importância do domínio dos professores sobre a língua para possibilitar que seus alunos surdos tenham acesso aos conhecimentos de mundo, Lacerda; Gràcia; Jarque (2020) indicam em seu estudo a necessidade de instrumentos que favoreçam o debate entre profissionais que atuam com alunos surdos, bem como esses sejam capazes de refletirem sobre a forma como ensinam e abordam a língua de sinais.

Deste modo, os objetivos afirmados anteriormente nesta pesquisa foram cumpridos e as análises colocadas abrem perspectiva para novos estudos utilizando o NarVaL – Libras/Prod. Estudos esses que possam investigar as percepções de outros professores bilíngües e profissionais da área e que permitam o preenchimento da rubrica em sua totalidade com a análise da Libras de estudantes

surdos em diferentes níveis de ensino da educação básica de escolas públicas.

Espera-se que a discussão e os resultados aqui apresentados seja um ponto de partida para a construção de novos diálogos que contribuam para a educação de surdos no que tange a avaliação em Libras dos estudantes surdos e formação docente de profissionais bilíngües, bem como construção de planejamento de ensino e materiais didáticos para uso no ambiente escolar.

Referências

- BARBOSA, Felipe Venâncio. LICHTIG, Ida. Protocolo do perfil das habilidades de comunicação de crianças surdas. *Revista Estudo de Linguagem*, Belo Horizonte, v. 22, n.1, p. 95 -118, 2014.
- BEMBRIDGE, Gavin. Negation in American Sign Language: The view from the Interface. *Toronto Working Papers in Linguistics (TWPL)*, v. 36, 2016.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Lei da Língua Brasileira de Sinais; Lei de Libras (Língua Brasileira de Sinais). Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, Diário Oficial da União, 25 abr. 2002.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, Diário Oficial da União, 23 dez. 2005.
- BRASIL., Lei nº14.191, de 03 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília, Diário Oficial da União, 4 ago. 2021, Seção 1, p. 146.
- JARQUE, Maria Josep et. 2018. Barcelona. *L'avaluació de la producció de textos narratius en llengua de signes catalana (LSC)*. VII Seminari de la llengua de signes catalana.
- JARQUE, Maria Josep. PASCUAL, Esther. From gesture-and sign-in-interaction to grammar: Fictive questions for relative clauses in signed languages. *Languages and Modalities*, p. 81 – 93, 2021.
- LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. *Experiência de autoavaliação docente mediada por uma escala de avaliação de interlocução no espaço escolar para o contexto da Educação Bilíngue de Surdos*. Relatório final de Pesquisa. Proc. Fapesp. 2017/25171-3). Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). 2020.
- LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. GRÁCIA, Marta. JARQUE, Maria Josep. Línguas de Sinais como Línguas de Interlocução: o Lugar das Atividades Comunicativas no Contexto Escolar. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Bauru, v. 26, n. 2, p. 299-312, 2020.
- LICHTIG, Ida. COUTO, Maria Inês Vieira. LEME, Vanessa Nogueira. Perfil pragmático de crianças surdas em diferentes fases linguísticas. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, v. 13, n. 3, p. 251- 257, 2008.
- LUNARDI-LAZZARIN, Marcia Lise. CAMILLO, Camila Righi Medeiros. *Tratar de avaliar, tratar de disciplinar: o contexto da avaliação na educação de surdos*. Trabalho apresentado à 31ª reunião Anual da Anped, Caxambu, 2008.
- MAYER, Mercer. *Frog, where are you?*. New York: Dial Books for Young Readers. 2003.
- MAYER, Mercer. *Rana, ¿Dónde estás?*. Madrid: Los Cuatro Azules. 2009.
- MONTES, Aline Lucia Baggio. *Instrumento de avaliação de texto narrativo em língua de sinais: uma versão para o uso no ambiente escolar*. 2023. 253 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Carlos, 2023.
- MONTES, Aline Lucia Baggio. LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Libras no contexto escolar: Instrumento ilustrado de avaliação de narrativas sinalizadas. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Corumbá, v. 29, e0049, 2023.
- MONTES, Aline Lucia Baggio; SANTOS, Lara Ferreira dos. Como os adultos contam histórias: Análises de narrativas. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 37, n. 2, p. 47-63, 2021.
- MORAIS, Mariana Peres de. LACERDA, Cristiba Broglia Feitosa de. Avaliação da Compreensão de surdos através da fábula em Libras. *Revista Educação Especial, Santa Maria*, v. 34, 2020.
- MORGAN, Gary. Children's encoding of simultaneity in British Sign Language narratives. *Sign Language and Linguistics*, v. 5, n. 2, p. 131-165, 2002.
- MORGAN, Gary. Transcription of child sign language: A focus on narrative. *Sign Language & Linguistics*, 8, p. 117-128, 2005.
- MORGAN, Gary. WOLL, Bencie. The development of reference switching encoded through body classifiers in British Sign Language. In: EMMOREY, K. (Ed). Perspectives on classifier constructions in sign languages. Mahwah – NJ: Lawrence Erlbaum Associates, p. 297-310, 2003.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. NAKASATO, Ricardo. Narrativas infantis em Língua Brasileira de Sinais. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 273-284, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de. CRUZ, Carina Rabello. *Língua de Sinais: Instrumentos de Avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

RAMOS, Denise Marina. LACERDA, Cristina Feitosa Broglia de. Análise de avaliações pedagógicas propostas para alunos surdos em contexto educacional inclusivo. *Revista Ibero-Americana de*

Estudos em Educação, v. 11, n. 2, p. 817- 835, 2016.

REDDY, Malini. ANDRADE, Heidi. A review of rubric use in higher education. *Assessment & Evaluation in Higher Education*, v. 35, n. 4, p. 435-448, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes 2008.